

As Relações entre a Escola, a Família e a Televisão: Contribuições para a Formação do Telespectador¹

Denise Cortez da Silva Accioly²
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

Resumo

Neste trabalho procuramos refletir sobre as relações entre a escola, a família e a televisão, para contribuir com a formação do telespectador crítico dentro da escola. Apresentamos resultados parciais de uma pesquisa realizada com cinco professoras, que exercem suas atividades pedagógicas no ensino fundamental da rede pública de educação da cidade de Natal. A partir da Teoria das Representações Sociais, proposta por Serge Moscovici, procuramos localizar, através do cotidiano dessas educadoras, o espaço onde se concretizam as mediações, frente à necessidade de seleção crítica da programação da televisão de canal aberto. Nossa proposta traz implícita a idéia de educar para a mídia, de educar a audiência para a “televidencia”, conforme expressão usada por Orozco Gómez.

Palavras-chave: televisão; escola; família.

Introdução

As crianças e os adolescentes brasileiros são provavelmente os que mais vêm televisão no mundo. Esse foi o resultado de uma pesquisa realizada pelo Instituto Ipsos (CASTRO, 2004), entre novembro e dezembro de 2003, em dez países: Brasil, Estados Unidos, México, Canadá, França, Alemanha, Itália, Espanha, Reino Unido e China. Existem fatores que influenciam na análise das informações como, por exemplo, o tempo que as crianças permanecem dentro da escola. No Brasil, de acordo com essa pesquisa, as crianças passam, em média, três horas por dia na escola, enquanto nos Estados Unidos e na Europa é de sete horas por dia.

Trata-se de uma pesquisa muito localizada, feita em grandes centros urbanos³, mas indica que as crianças brasileiras são as mais televisuais de todas as crianças dos

¹ Trabalho apresentado ao NP 11 - Comunicação Educativa, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Jornalista. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: deniseaccioly@uol.com.br.

³ No Brasil a pesquisa foi realizada nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife e Porto Alegre.

dez países pesquisados. Portanto, no Brasil, as crianças passam mais tempo diante da televisão e menos tempo na escola, menos tempo brincando com os amigos, menos tempo lendo entre outras atividades. Não podemos ter certeza até que ponto pesquisas dessa natureza são consistentes, é necessário relativizar, uma vez que são realizadas em bairros de grandes centros urbanos, onde as crianças têm menos possibilidades de circular pelas ruas, de brincar com os amigos e com a vizinhança devido aos problemas sociais das grandes cidades.

Diante do exposto, cabe aos educadores questionar: qual o papel da escola e da família em relação à televisão? Para tentar responder a essa e outras questões, realizamos uma pesquisa onde procuramos revelar através da fala de cinco professoras, experiências significativas para o avanço da educação para as mídias.

Nessa pesquisa analisamos as representações sobre a televisão de educadoras, para compreender o significado dessa mídia no seu cotidiano. A partir da Teoria das Representações Sociais proposta por Serge Moscovici (2003), procuramos conhecer o que pensam as professoras a respeito da televisão. Buscando apreender como a televisão é representada por educadoras, que também são mães e telespectadoras, pretendemos entender como isso reflete na sua prática pedagógica, em relação à análise crítica e reflexiva da mídia dentro da sala de aula. A análise das representações das professoras sobre a televisão constituiu o objetivo geral dessa pesquisa. Estudamos a maneira como as professoras usam a TV no seu cotidiano, na sua vida familiar e a repercussão desse fato na sala de aula: que programas assistem isoladamente ou com os filhos, os limites estabelecidos com relação aos horários, a censura com relação a determinados programas e a preferência por alguns canais de TV.

Algumas indagações deram origem à investigação como: o que representa a televisão para as educadoras que também são telespectadoras? Como isso reflete dentro da sala de aula? Será que sua relação com a mídia interfere na sua prática pedagógica? Portanto, procuramos revelar, através das falas das entrevistadas, que mediações ocorrem em relação aos conteúdos que os educandos recebem da televisão, que forma se manifesta dentro da escola e como essas educadoras se relacionam com tais representações. Acreditamos que a escola, assim como a família são importantes mediadoras das informações veiculadas pela mídia.

A investigação contribuiu para apreender que mediações são recorrentes para essas educadoras frente à necessidade de seleção crítica da televisão de canal aberto,

para a sua utilização no cotidiano escolar. Procuramos localizar, através da sua formação como telespectadora ativa, das suas falas e das suas posturas diante da mídia, o lugar onde se concretizam as mediações. Nossa proposta traz implícita a idéia de educar para a mídia, de educar a audiência para a “televidencia” conforme expressão usada por Orozco Gómez (1996; 2001).

A Televisão e a Mãe Educadora: a Cotidianidade Familiar

Na fala das educadoras, transparece em vários momentos, que elas reconhecem a presença da televisão tanto nas suas vidas como na dos educandos. Em um primeiro momento, elas negam a presença da televisão, mas depois admitem que assistem, entretanto reconhecem o lado bom e ruim da mídia, onde manifestam, também, o desejo de saber como melhor utilizar a televisão a favor da educação e reconhecem que precisam estar preparadas para lidar com as diversas mídias.

A televisão na vida das educadoras investigadas faz parte do seu cotidiano familiar. Elas exercem influência na escolha da programação televisual, principalmente dos filhos, seja restringindo ou influenciando nas escolhas. De acordo com Lopes (2002) o espaço cotidiano da família é o lócus de conexão entre o mundo da escola, da igreja e do trabalho; ao mesmo tempo, faz interagir as temporalidades desses mundos com as do consumo dos meios, em particular a televisão.

Conforme Martín-Barbero (2003, p. 305) na América Latina a televisão ainda tem a família como unidade básica de audiência, onde representa para a maioria das pessoas a situação de reconhecimento. É preciso entender o modo específico que a televisão emprega para interpelar a família e interrogar a cotidianidade familiar enquanto lugar social de uma interpelação fundamental para os setores populares. Para o autor, a partir de um rompimento com as considerações moralistas, onde a televisão é vista como corruptora das tradições familiares, e com a idéia que atribui à televisão uma função puramente reflexa, começa a se estabelecer uma concepção que vê na família um dos espaços fundamentais de leitura e codificação da televisão.

Para Martín-Barbero (2003) a mediação que a cotidianidade familiar cumpre na configuração da televisão não se limita ao que pode ser examinado do âmbito da recepção, pois inscreve suas marcas no próprio discurso televisivo. Lugar de conflitos e fortes tensões, “a cotidianidade familiar é ao mesmo tempo um dos poucos lugares

onde indivíduos se confrontam como pessoas e onde encontram alguma possibilidade de manifestar suas ânsias e frustrações” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 305).

Também para Orozco Gómez (1996) os sujeitos da audiência televisiva fazem parte de outras instituições, as crianças, por exemplo, são membros de uma família, freqüentam uma escola, fazem parte de um grupo de iguais, de um clube, ou de uma igreja, portanto pertencem a diversos grupos culturais. Um primeiro cenário onde transcorre a recepção televisiva é o lar, a família constitui uma mediação institucional principalmente para a audiência infantil. A família, até certo ponto, decide e seleciona a programação infantil.

Ainda segundo Orozco Gómez (1996) a companhia de um sujeito enquanto assiste à televisão constitui uma das características que ele chama de “mediação situacional”. A companhia pode implicar na possibilidade de uma apropriação mais comentada da programação e eventualmente a possibilidade de tomar um maior distanciamento do que é transmitido na tela. Quando se vê TV sem uma companhia não se tem acesso imediato à censura do outro quanto ao que se está assistindo. O que no caso das crianças pequenas pode ser determinante para sua interação com a TV. Os limites físicos do espaço onde se vê televisão, também constituem outro tipo de mediação situacional, uma vez que tornam possíveis certos tipos de interação.

Uma das educadoras entrevistadas relata os momentos em que compartilha com os filhos as cenas da novela:

Na novela das oito (Rede Globo) tem a Creuza (personagem) que é uma beata, se diz uma beata, mas só para enganar o povo, então eles dizem: ‘Mainha, essa Creuza é a mulher mais safada que tem na televisão (risos), é pior do que as meninas’. Eles já têm esse senso crítico, então eu trato com neutralidade, mas noto que às vezes eles ficam meio envergonhados (EDUCADORA 4).

A mesma educadora comenta as cenas de sexo que passam na televisão, na hora da novela e que assiste juntamente com seus filhos. Ela reclama que gostaria de conversar mais com as crianças sobre essas cenas, mas segundo ela:

Eles (os filhos) não aceitam esse diálogo, não sei por que se recusam. Eu sou bem aberta, falo de tudo com eles sobre sexo, mas eu noto que eles não se sentem muito à vontade. Certo dia, perguntei o que eles sabiam sobre sexo e um respondeu: ‘Mãe, eu sei de tudo’. Então eu falei: diga aí o que você sabe e ele respondeu: ‘não vou falar porque é

imoral'. Mas eu sei que eles não sabem de tudo, aí eu pensei: não, eu não vou falar, vou deixar pra lá (EDUCADORA 4).

Quanto aos limites estabelecidos pela mãe, para os filhos assistirem a determinados programas, algumas educadoras se mostram decisivas, como relata outra educadora: “Geralmente o que eles estão vendo eu sei, outra coisa, eu geralmente vejo” (EDUCADORA 1). Continuando a conversa, perguntamos à educadora como era a relação dos seus filhos com a televisão quando eram menores, se ela precisava estabelecer regra, principalmente em relação a horários, ela responde:

[...] Eles (os filhos) nunca foram de ficar o dia todinho assistindo à televisão. Como eles tinham com quem brincar se envolviam com as brincadeiras. Os dois meninos só davam trabalho para comer, porque ficavam por ali, jogando bola ali ao redor, brincando, entravam em casa somente para comer alguma coisa. Eu os controlava ao redor da casa. Agora com a televisão eu nunca tive problema (EDUCADORA 1).

Para outra educadora a questão de impor limites quanto ao que seus filhos assistem na tevê sempre foi importante, pois seus valores são mais rigorosos, seu olhar para a televisão passa pela sua formação religiosa. Ela afirma:

Até hoje, a questão dos limites está presente na educação dos meus filhos. Quer dizer, até hoje não, porque já são adultos, mas às vezes eu reclamo com a minha filha e digo: ‘não assista esse programa da MTV, porque eu não gosto’. Apesar de que, uma vez ou outra eu assisto com ela, mas é um programa muito liberal, que acontece para adulto, mas até as crianças assistem e os pais não vêem, não é? Eu sei que a minha filha tem que estar por dentro da realidade, saber o que está acontecendo, como deve ser, como se prevenir contra as doenças e contra o sexo. Eu estou dizendo assim porque ela só é ligada nisso (nesse tipo de programa), não traz nada de bom, não é um programa legal (EDUCADORA 2).

Outra educadora diz que a influência exercida em relação aos filhos quanto ao que assistir na televisão permanece até hoje. Assim ela se expressa:

Eu adoro assistir programas de esporte. Eu acordo, às vezes, duas, três horas da manhã para assistir partida de vôlei e fico até a hora de sair para trabalhar. A minha filha acompanhou a Copa Brasil e Inglaterra (jogo de vôlei), que foi de madrugada. Eu coloquei o colchão na sala para dormir e não fazer barulho na hora do jogo, mas aí ela veio

assistir comigo. Depois a gente comemorou, gritou, mas não consegui envolvê-la muito, agora o meu pai, se ele estivesse aqui, acordaria pra assistir. (EDUCADORA 3).

Já a educadora 4 afirma estabelecer algumas regras na sua casa: “Lá em casa o uso da televisão é muito disciplinado. Como meus filhos estudam à tarde, pela manhã ninguém vê televisão porque eles estão estudando. Eles assistem somente à noite.” A professora, além de estabelecer o horário, define também os programas que os filhos devem assistir:

Durante a semana não tem televisão pela manhã. À noite quando meus filhos chegam assistem aos programas que gostam, mas eu mando assistir ao jornal também. Eles nem gostavam no começo, mas agora já assistem. Assistem também a alguns programas infantis e no final de semana assistem o Globo Ciência e o Globo Rural. Eu falo mais da Rede Globo que é o canal mais assistido lá em casa (EDUCADORA 4).

Observamos que as educadoras exercem influência não apenas na programação dos filhos, mas em toda família, como os pais, principalmente quando estes são muito idosos e moram na mesma casa, pois acreditam que a televisão, além de companhia, contribui para o relacionamento familiar e ajuda na participação e inclusão social dos idosos na sociedade. A educadora que gosta de assistir esporte na televisão relata:

Eu gosto tanto de esporte que contaminei toda a minha família. Meu pai que não gostava, hoje assiste e às vezes ele chega e fala: ‘tem algum esporte para assistir, hoje?’ Ele sempre gosta de assistir o jornal, após a refeição, apesar da idade, ele tem oitenta e dois anos, mas, pelo menos, se informa da situação do país. De vez em quando, eu falo: vamos assistir primeiro o jornal, depois o senhor dorme. No domingo à tarde se tiver um futebol, mesmo estando sozinho, ele assiste. Se minha mãe estiver presente também assiste. Acho que é uma forma de não deixá-los sem fazer nada, porque já estão numa idade muito avançada. (EDUCADORA 3).

Para a educadora, que é solteira, a televisão serve tanto de companhia para ela quanto para sua mãe que mora junto com ela:

Minha mãe assiste apenas à novela da tarde. Quando eu vou dar aula à noite ela fica esperando até eu chegar. Então o que tiver na programação ela assiste, mas ela não acompanha a novela, não está ligada direto na tevê; está fazendo crochê e assistindo novela, ou

fazendo um bordado e escutando, é uma interação que ela faz com a televisão, uma companhia pra ela. (EDUCADORA 5).

Segundo Breton e Proulx (2002, p. 122) a experiência de assistir à televisão é fisicamente interrompida por vários deslocamentos no espaço doméstico: ver televisão combina com várias outras atividades, como comer, costurar, conversar, ler, participar de jogos em grupo etc. Assistir à televisão aparece, portanto, como uma experiência psíquica em profunda descontinuidade temporal, marcada por momentos de atenção de qualidade muito variável.

De acordo com Castells (2003) o papel da mídia nas sociedades ocidentais e urbanas é certamente uma atividade predominante nas casas, contudo:

[...] ser espectador/ouvinte da mídia absolutamente não se constitui uma atividade exclusiva. Em geral é combinada com o desempenho de tarefas domésticas, refeições familiares e interação social. É a presença de fundo quase constante, o tecido de nossas vidas. Vivemos com a mídia e pela mídia. McLuhan utilizou a expressão da mídia tecnológica como produtos básicos ou recursos naturais. Em vez disso, a mídia, em especial o rádio e a televisão, tornou-se o ambiente audiovisual com o qual interagimos constante e automaticamente. Acima de tudo, a televisão quase sempre está presente nas casas (CASTELLS, 2003, p. 418-419).

A Representação da Televisão dentro da Escola

Orozco Gómez (1996, p. 40) destaca que a escola, assim como a família, é uma das agências mediadoras da TV, onde ocorre uma série de interações sobre a recepção da televisão. O ambiente escolar, a atitude do professor frente à TV, o clima pedagógico, que predomina na sala de aula, a organização escolar, tudo isto, constitui elementos que delimitam o tipo de intercâmbio que realizam os alunos, tanto dentro da sala de aula, quanto nos espaços de recreação.

No diálogo com as educadoras elas relatam vários momentos onde identificam a vontade das crianças em representar o que vêem na televisão, principalmente em relação aos desenhos animados, seja através dos gestos, da fala, das brincadeiras ou dos desenhos feitos no papel com lápis de cor. Afirma uma das professoras: “[...] eles (alunos) passam o tempo todo imitando histórias de Pokémon, Digimon e não sei mais o que. Quando se levantam para beber água já estão fazendo o gesto” (EDUCADORA 1).

As educadoras, também afirmam que é comum as crianças conversarem entre si sobre o que viram na televisão em vários momentos da aula. Perguntamos a uma das entrevistadas se nesses momentos ela conversa com os alunos sobre o que assistiram e ela responde: “Não, eu nunca conversei”. A professora faz uma pausa, fica pensando e fala: “Eu na verdade reclamo, porque eles falam muito alto. Como todos assistem aos mesmos programas querem contar ao mesmo tempo o que assistiram” (EDUCADORA 1). Ao questionarmos sobre o que ela faz quando as crianças manifestam o desejo de representar através da fala o que vêem na televisão, ela responde: “A única coisa que eu faço é deixar que elas façam os desenhos da televisão no papel” (EDUCADORA 1).

Fica claro nos vários relatos das professoras que a televisão exerce influência no comportamento das crianças. As representações das crianças sobre os desenhos animados chegam a despertar preocupação nas educadoras, pois segundo elas, isto é uma demonstração da influência negativa que a televisão exerce nas crianças: “Tem até algumas crianças com um tipo de brincadeira, que envolve certa agressividade e brigas e quando a gente vai apartar elas dizem que estão brincando, elas dizem até o nome do desenho” (EDUCADORA 4). Também outra educadora afirma:

Alguns desenhos são muito agressivos e muitas vezes os alunos ficam representando essas cenas agressivas mesmo brincando. Eu acho que este é o lado negativo da televisão, pois estimula a agressividade e a violência. Eu acho que este tipo de desenho estimula a violência, pois as crianças repetem as mesmas cenas que vêem nos desenhos, pode olhar, toda hora elas estão se agarrando. Elas afirmam que estão brincando, mas essas brincadeiras, muitas vezes acabam em briga mesmo, porque machuca o outro. Na hora em que um machuca o outro, ele revida aí vira uma briga mesmo (EDUCADORA 3).

Todas as professoras mostraram-se preocupadas com os programas policiais que afirmam, além dos desenhos animados, um dos mais assistidos pelas crianças. “Eles (alunos) dizem que assistem a aqueles programas da pesada mesmo, aqueles de polícia. Surge conversa que não pode acontecer em sala de aula, mas a própria televisão leva essa discussão para a escola” (EDUCADORA 1). Outra educadora fala: “Existe um canal que não me interessa que passa Patrulha Policial. Não quero dizer que os alunos não devem tomar conhecimento do que ocorre com essas pessoas menos favorecidas, mas acho um choque, talvez até pudesse existir uma forma deles não assistirem” (EDUCADORA 2).

A educadora 4 também mostra preocupação com os programas policiais que seus alunos assistem e diz que comentam em sala de aula: “Programa do Ratinho, esses de violência eles adoram programas de violência. (...) Eles dizem: ‘Ah, eu vi no Programa do Ratinho. Eu vi no Programa Patrulha Policial’. Sei que as crianças gostam muito desse tipo de programa” (EDUCADORA 4).

Algumas educadoras afirmam que a preferência das crianças por esses programas deve-se ao fato de que as coisas que são faladas e mostradas, de certa forma, estão presentes no cotidiano das famílias dessas crianças: “Elas acabam se identificando porque estão acostumadas a ver isto tipo de coisa presente nas suas vidas” (EDUCADORA 3).

Quando perguntamos às professoras o que costumam fazer quando as crianças se referem a esses programas em sala de aula, se elas conversam com os alunos sobre o assunto, as opiniões divergem. A Educadora 2 declara: “Não, eu apenas digo para eles não assistirem esses programas, pois não são adequados para crianças. Datena, Cidade Alerta todos estão cheios de violência.” Ao perguntamos às professoras qual a reação das crianças quanto às observações feitas por elas, as respostas são muito diversas, mas em geral, culpam as famílias.

Também quando perguntarmos às professoras sobre o que elas acham que a escola poderia fazer com relação a esses programas, presentes no cotidiano dessas crianças e que tantas influências podem ter sobre a formação delas, mais uma vez as professoras jogam a responsabilidade dessa orientação mais para a família do que para a escola. Sabemos que a ação conjunta família/escola é importante, mas se a família não toma atitude, cabe à escola que tem o encargo de educar tomar a iniciativa e convidar a família para também se envolver. Outra educadora também ressalta a importância da parceria entre a escola e a família:

A escola tem que fazer isso, mas sem a colaboração da família não é possível. Ora, a televisão não mostra uma coisa legal. A criança passa quatro horas na escola e vinte horas em casa. A orientação dada na escola precisa ter a colaboração e ser reforçada pela família para ser eficiente. (EDUCADORA 5).

As educadoras reclamam a presença da família na escola e insistem que a escola sozinha não pode fazer muita coisa neste sentido. Afirmam que sem a colaboração dos pais os resultados são pequenos. Portanto, o diálogo da escola com a família é de fundamental importância para qualquer empreendimento da escola.

A Parceria da Escola com a Família sobre a Televisão

Para Orozco Gómez (1996, p. 28-29) tanto a família quanto a escola podem exercer interferência na recepção televisiva. Há uma urgência quanto à intervenção da escola na audiência infantil, até porque muitas aprendizagens desenvolvidas na escola permeiam a televisão. Mais ainda, se a escola não exerce uma intervenção pedagógica, perde muito do seu sentido e missão educativa, já que muitas coisas que as crianças aprendem na televisão tornam-se mais relevantes para sua vida do que aquilo que aprendem na sala de aula.

O diálogo da escola e da família com a televisão envolve temas como sexo, agressividade, violência, drogas, indisciplina escolar e outros. As professoras, de modo geral, reclamam a ausência dos pais na educação dos filhos e o pouco envolvimento com os problemas escolares. Defendem que nas escolas particulares a presença dos pais na educação dos filhos é mais efetiva que na escola pública. Aham mais fácil estabelecer a relação entre a televisão e a escola com as crianças das escolas particulares, exatamente por causa do envolvimento dos pais nas questões educativas. Uma educadora afirma:

Na escola particular é mais fácil realizar algum tipo de trabalho em parceria com a família, mas na escola pública não, porque os pais das crianças da escola pública, pelo menos nas escolas em que eu trabalho não se envolvem com os problemas educacionais dos filhos. Os adolescentes entre treze e quinze anos, perdem muito tempo na rua, na televisão e agora com a Internet. Com relação às escolas particulares os pais estão mais envolvidos com a educação dos filhos e estão mais presentes. Se há um envolvimento da família há retorno, porque a referência maior para as crianças, ainda é a família, e se existe este envolvimento, família/escola, há um retorno. A escola sozinha não faz e a família sozinha também não consegue (EDUCADORA 3).

Perguntamos a educadora 2 se ela indica algum programa para seus alunos e ela responde: “Para meus alunos eu digo: gente, televisão é um problema sério, viu”! Pergunto por que ela acha a televisão “um problema sério”, então ela explica:

Porque você vê que mesmo na casa das pessoas mais humildes, tem televisão. As crianças assistem aos programas que querem e os pais não fiscalizam, até porque não estão em casa. Muitas vezes, os pais saem às oito horas da manhã ou mais cedo e só voltam de oito (horas) da noite, então elas (as crianças) assistem tudo que têm vontade. Nas

famílias mais abastadas isto está acontecendo também com a Internet (EDUCADORA 2).

A educadora 3 afirma: “eu tenho conversado com esses meninos para assistirem o jornal, eu digo: Olha, tem o horário tal. Procurem o horário que tem de meio dia e meia, os jornais locais, vejam as notícias e onde a Matemática está presente para encontrar as informações”. Prossegue a educadora:

Eu estou sempre incentivando para quando assistirem televisão dar preferência às notícias; porque nas notícias você tem muitas escolhas. A questão da situação econômica do país, o que representa para os pais os gastos com a educação e outras questões de natureza econômica. (EDUCADORA 3).

A Educadora 3 prossegue fazendo sua crítica aos alunos, onde relata que pergunta se eles se informam das notícias através de outra mídia, como jornal impresso, ou revistas, mas, segundo ela, “a maioria não lê nada, não tem acesso a quase nada.” Ela demonstra sua preocupação quanto aos conhecimentos gerais de seus alunos: “se esses alunos fossem fazer uma redação sobre conhecimentos gerais, teriam dificuldades para falar sobre o contexto sócio político e econômico do nosso país”. Prossegue a professora:

Como estou trabalhando porcentagem nessa série, mando eles assistirem o jornal para ver a cotação do dólar, não indico nenhum canal específico, mas eles muitas vezes me perguntam: ‘Professora, você assiste qual jornal? Em que canal?’ Acho que eles querem alguma referência. Eu digo que assisto mais a Rede Globo, porque gosto muito da parte do noticiário, dos apresentadores, que se expressam muito bem, se identificam com as notícias (EDUCADORA 3).

Outra educadora fala sobre o conteúdo da televisão:

Eu acho que a televisão tem muitas coisas ruins, mas também têm muitas coisas boas. As propagandas usam muito o sexo, elas são muito apelativas e como são exibidas em todos os horários e em qualquer momento, criam problemas. Mas na verdade, existem alguns programas que dão muita informação boa e isto é positivo. (EDUCADORA 4).

As professoras enfatizam a importância da participação da família em relação ao diálogo com a televisão. Para algumas educadoras a falta de diálogo da escola com

a criança sobre a televisão, se deve ao fato de não ter tempo para assistir aos mesmos programas, pois é preciso conhecer: “eu preciso ver os programas para fazer a ligação entre o conteúdo veiculado na televisão e os conteúdos de aprendizagem, o que precisa ser criticado e discutido tendo em vista a formação do telespectador crítico” (EDUCADORA 4). Prossegue a educadora:

Acho que os alunos recebem muitas informações por meio da televisão não é só coisa ruim. Se a gente tivesse tempo de assistir os programas e discutir essas informações na sala de aula, seria muito bom, porque na televisão há também, muita coisa boa. Agora infelizmente a gente não tem tempo de assistir junto com eles para fazer esse intercâmbio dentro da sala de aula (EDUCADORA 4).

Para as educadoras o diálogo e a parceria da escola com a família, poderiam contribuir para amenizar o problema das drogas, um tema muito presente dentro das escolas públicas. Portanto, qualquer projeto educativo, quando a família participa surge resultados. Professores, mães, pais, a sociedade, enfim, todos envolvidos com o processo educativo precisam estar conectados dentro de uma rede comum. Qualquer forma que contribua para uma educação efetiva e global precisa estar livre de conceitos formulados no passado. A escola, a família e toda a sociedade precisa hoje estar envolvida com a educação de forma global. A educação não pode se restringir somente a ler e escrever.

Considerações Finais

Nessa pesquisa, a partir das falas das entrevistadas, fica claro que a escola sozinha não é capaz de lidar com os problemas presentes na escola, qualquer projeto pedagógico, além do envolvimento da família, precisa a participação de toda a sociedade. Já é sabido que a educação sozinha não consegue transformações. Problemas como drogas, violência, indisciplina entre outros, permeiam a vida das crianças, principalmente das escolas públicas. Como disse uma das educadoras: “É uma batalha diária, uma luta constante; enfim, uma verdadeira guerra, mas nós, mesmo com todo comprometimento, com todo amor que temos pela nossa profissão, sozinhas a gente não consegue quase nada” (EDUCADORA 2).

A partir da análise das falas das educadoras sobre a televisão podemos refletir sobre um caminho para a realização de uma proposta pedagógica da escola com a

televisão. Nessa pesquisa constatamos que as educadoras reconhecem a presença e a influência da televisão na vida dos educandos, mas nem sempre vêm na instituição escolar uma aliada capaz de auxiliar na reflexão crítica da mídia, delegando a responsabilidade maior para a família.

Procuramos descobrir no cotidiano das educadoras, qual a importância e qual o espaço que a televisão ocupa na suas vidas. Identificamos como elas interagem e quais as mediações que se estabelecem com seus familiares a respeito da televisão e a importância desta dentro da sua casa. As representações da televisão dentro da escola se manifestam através do olhar das próprias educadoras, das suas experiências com a televisão e na relação com seus alunos. Tais representações refletem a relação individual dessas educadoras com a mídia, sua vivência pessoal e a forma como entendem o mundo a sua volta. Seus relatos não se encontram determinados em um local específico e nem a um momento, mas sim, refletem suas relação com o mundo, suas vivências particulares e profissionais que variam entre dez a trinta anos da prática pedagógica. São depoimentos que revelam suas experiências ao longo de suas vidas.

Entender qual a representação que os professores têm sobre a televisão contribui para reflexão e análise sobre a mídia na formação docente. A relação que os educadores estabelecem com a televisão e a representação que têm dela em suas vidas, refletem de forma marcante na sua prática profissional e no diálogo da mídia dentro do espaço escolar, podendo contribuir para a reflexão crítica que os educandos estabelecem com a mídia.

Referências

BRETON, Philippe; PROULX, Serge. **Sociologia da comunicação**. Tradução Ana Paula Castellani. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura**. v. 1. 7. ed. Tradução Roneide Vennancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

CASTRO, Daniel. **Superligados na TV**. Folha de São Paulo, São Paulo, 17 de out., 2004. Folha Ilustrada, p. E1.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; BORELLI, Silvia Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha. **Vivendo com a telenovela**: mediações, recepção, teleficcionalidade. São Paulo: Summus Editorial, 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Tradução Ronald Polito e Sérgio Acides. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. 2. ed. Tradução Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. **Televisión y Audiencias**: um enfoque qualitativo. Madrid: Ediciones De La Torre, 1996.

_____. **Televisión, audiencias y educación**. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2001.